

# DISCUSSÃO DE UM FISCAL COM UMA FATEIRA

*Autor: Manoel de Assis Campina*

O homem quando viaja  
Sempre encontra presepadas,  
Sofre muito, também goza,  
Pega muitas beliscadas  
E encontra alguma coisa  
Que dá muitas gargalhadas.

Certo dia eu viajei  
Da cidade de Palmeira  
Com destino ao sertão  
Em Serra da Cachoeira  
Vi uma grande questão  
Dum fiscal com uma fateira.

Começou a discussão  
Por causa de uma coleta  
A fateira se zangou  
Disse ao fiscal: - Pegue a reta,  
Queime o chão e vá embora,  
Não quero ouvir indireta!

Disse o fiscal: - Minha dona  
Nós vamos ser camaradas

Olhe bem que todas vendem

Porque estão coletadas

Disse ela: - Inda mais esta,

Porque elas são tapadas!

Porém eu sou diferente

Hoje o seu imposto mingua

Sei entrar e sei sair

Pra que é que eu tenho língua?

E se quer ver bicha doida

Encalque na minha íngua!

Disse o fiscal: - Minha dona

Não interessa a questão

Me pague 15 cruzeiros

Que eu passo o seu talão

Disse a velha: - Dê o fora,

Pega a reta, queime o chão!

Onde foi que já se viu

Pagar imposto de tripa?

Hoje aqui eu brigo muito

E não pago essa “sulipa”

Posso pagar na cadeia

Depois que meter-lhe a ripa!

Eu posso pagar o chão,

Porque esse é meu dever

Porém tirar a coleta

Isto é que ninguém vai ver

Tirar da boca dos filhos

Para esse corno comer!

Porque não vai trabalhar,

Malandro da calça frouxa?

Comigo você se lasca

Não pense que eu sou trouxa

Eu zangada sou o cão

A minha brigada é roxa!

E disse: - Conversar muito

É o que o senhor deseja,

Eu não posso bater papo

Vamos deixar de peleja

Como pouco meu velho chega

Hoje aqui o pau troveja!

Nisso chegam dois soldados

E um sargento também

Dizendo: - Pague a coleta

Que a senhora se sai bem

Disse a velha: - Inda mais esta,

De onde é que vocês vêm?

O senhor não é prefeito,

É um simples policial

Também quer vir fazer fita

No meio do pessoal?

O caso aqui quem resolve  
É o intendente geral!

O sargento disse: - Dona,  
Seu gênio a senhora dome,  
Resolva, pague a coleta  
E dê ao fiscal o nome...  
A velha disse: - Se dane,  
Do meu suor ninguém come!

Eu não gosto de soldado  
Pegue a reta e vá furando  
Peço que me deixe em paz  
Antes que eu vá me zangando  
Ou vocês querem que eu dê  
De pé na bunda, chutando?

Disse o fiscal: - Está presa  
A sua mercadoria,  
Vá falar com seu Argeu  
Guarda da coletoria  
Não posso está empalhado  
Aqui nessa porcaria!

Quando ele disse assim,  
A velha se engreguenou  
Saltou de um lado da banca  
Um mocotó agarrou  
Passou-lhe no pé do ouvido

Que o fiscal inda tombou.

Aí o povo invadiu

Naquela ocasião

A fateira como doida

Com o mocotó na mão

Quando raspava de lado

Dois e três iam no chão.

Disse a fateira hoje aqui

Com essa feira eu acabo,

E botou para correr

Sujeito metido a brabo

Com o mocotó na mão

Ficou pior que o diabo.

Dois soldados e o sargento

Caíram nesse paleio

Nisso chega o velho dela

Também entrou pelo meio

Com um cacete de quina

Que já vi serviço feio.

Aí o pau falou no centro

Todas fateiras entraram

Defendendo a sua parte

De mocotó se armaram

Não ficou um banco em pé

Nessa hora reviraram.

Quando o mocotó batia  
Revirava de fileira  
Quatro cinco de uma vez  
Era aquela brincadeira  
Pois nem o diabo ia perto  
Do pé de boi da fateira.

Uma fateira valente  
Numa tripa deu um bote  
E com a tripa na mão  
Dava em gente de magote  
Aonde a tripa batia  
Era igualmente um chicote.

Era num dia de missa  
O padre correu pra fora  
Dizendo: - Minha gente, calma,  
O que é isso, minha senhora?  
As fateiras o agarraram  
Como doidas, nessa hora.

Entraram de igreja adentro  
Naquela revolução  
Quebraram mesa e cadeira  
Que tinha pelo salão  
Vela, santo e oratório  
Iam botando no chão.

Bateram no altar-mor  
Derrubaram a padroeira  
E o povo todo em cima  
Para pegar a fateira  
Da rua para a igreja  
Era aquela bagaceira.

Quebraram Santa Sofia  
Quebraram São Severino  
Quebraram Santo Aniceto  
Quebraram São Guilhermino  
Quebraram Santo Agostinho  
Quebraram São Marcolino.

Quebraram Santa Tereza  
Quebraram Santa Isabel  
Quebraram Santa Cecília  
Quebraram São Gabriel  
Quebraram São Bonifácio  
Quebraram São Rafael.

Quebraram também São Braz  
Quebraram São Ananias  
São Cosme e São Damião  
São Bento e São Zacarias  
São Renato e São Abel  
São Joaquim, São Jeremias.

Uma fateira agarrou

São Pedro e deu-lhe um sopapo

O santo correu gritando

Desta eu sei que não escapo

E a fateira gritando:

- Corra, senão eu lhe capô!

Derrubaram São Luiz

E quebraram São Benito

Derrubaram Santo Onofre

Quebraram Santo Expedito

O que foi de santa fêmea

Foi um estrago esquisito.

Santo Antônio Viajante

Já ia se escapulindo

São Miguel e São Ricardo

Ainda estavam sorrindo,

São Sebastião olhou

Inda viu o pau tinindo.

A velha meteu a mão

Por cima do oratório

São José se abaixou

E pegou e São Osório

O mocotó inda bateu

Na cara de São Gregório.

São Benedito correu

Arrodeando um coreto,

Dizendo: - Valha-me Deus,  
Hoje aqui eu me derreto  
Estão dando em santo branco  
Quanto mais n'eu que sou preto.

Sapecaram o mocotó  
Na cara de São Nicolau  
São Judas Tadeu ficou  
Mais mole do que mingau  
E a barba de São José  
Quase voava no pau.

São Jorge no seu cavalo  
Saiu furando de espora  
E o povo do barulho  
Correu pela rua afora  
E as fateiras exemplando  
Todo mundo nessa hora.

Não teve quem resistisse  
A luta do mocotó  
Onde o pé de boi batia  
Era até de fazer dó  
Terminou correndo tudo  
E elas ficando só.

Foi enorme o prejuízo  
Nesse dia em Cachoeira  
A polícia nunca mais

Quis prender uma fateira  
E nem também o fiscal  
Quis cobrar mais chão de feira.

Hoje tem outro prefeito  
Vive tudo sossegado  
A fateira ainda hoje  
Vende tripa no mercado  
Ali só se paga o chão  
Mas ninguém é coletado.

Caçoadada com fateira  
Aquele que inventar  
Mande logo abrir a cova  
Pra nela se enterrar  
Inácio, o fiscal da feira  
Na Serra da Cachoeira  
Agüentou de amargar.